

## SEQÜÊNCIA DESCRITIVA E ARGUMENTAÇÃO

Cleide Lucia da Cunha<sup>1</sup>

mcrizerio@ig.com.br

### INTRODUÇÃO

Os estudos sobre a linguagem têm ocupado papel importante na sociedade atual, o que se deve à sua importância e ao fato de que é fundamental a compreensão de seu funcionamento e a especificidade de que é constituída.

No presente trabalho, busca-se observar a teoria proposta por J- M- Adam acerca das seqüências tipológicas constituintes de um texto, em especial a descritiva, de modo a analisarmos o seu encadeamento com a argumentação presente nessa modalidade específica de seqüência.

O modelo teórico que fundamenta especificamente a análise da articulação argumentativa das seqüências é a Teoria da Argumentação na Língua, proposta por Oswald Ducrot.

A perspectiva teórica de Adam é observada também por Bronckart (1999), o qual chama atenção para o fato da infra-estrutura textual caracterizar-se, além de outros fatores, pela organização seqüencial ou linear do conteúdo temático, já que o produtor do texto dispõe, estocados na memória em uma forma lógica e/ou hierárquica, de uma série de representações ou conhecimentos relativos a um tema, que são denominadas macroestruturas.

Essas macroestruturas, quando da (re-)semiotização de um texto, são reorganizadas e inseridas em estruturas básicas (relações predicativas e/ou sintagmas) e

---

<sup>1</sup> Mestranda em Língua Portuguesa – Universidade de São Paulo.

desenvolvem-se em diversas formas de organização linear (planos, esquemas, seqüências) denominadas de superestruturas textuais.

Adam propôs a noção de seqüências, que seriam “unidades estruturais relativamente autônomas, que integram e organizam macroproposições, que, por sua vez, combinam diversas proposições, podendo a organização linear do texto ser concebida como o produto da combinação e da articulação de diferentes tipos de seqüências” (1999: 118) constituindo uma espécie de modelos abstratos, dos quais os interlocutores disporiam, e passíveis de definição, ao mesmo tempo, pela natureza das macroproposições que comportam e pelas modalidades de articulação dessas macroproposições em uma estrutura autônoma.

Adam define cinco tipos de seqüências básicas: narrativa, descritiva, argumentativa, explicativa e dialogal, sendo que estas podem ser combinadas em um texto (encaixamento hierárquico, mesclas, etc.) para que através dessa diversidade e da diversidade das modalidades de organização ocorra a heterogeneidade composicional dos textos.

Para a maior compreensão da perspectiva teórica que fundamenta o exame das seqüências quanto aos seus elementos, observaremos a sua caracterização constitutiva proposta por Adam e retomada por Bronckart.

## **1. AS SEQÜÊNCIAS TIPOLÓGICAS**

### **1.1 A SEQÜÊNCIA NARRATIVA**

O autor traça o percurso histórico dessa seqüência (Aristóteles, Propp, Greimas, Labov, etc.) para mostrar que a idéia básica desses trabalhos é que, embora cada história contada mobilize personagens implicados em acontecimentos organizados no eixo do sucessivo, só pode ser entendida como seqüência narrativa se a organização é sustentada por um processo de intriga, que consiste na seleção e organização dos acontecimentos para formar um todo completo, com início, meio e fim. “Um todo acional dinâmico: a partir de um estado equilibrado, cria-se uma tensão, que desencadeia uma ou várias transformações, no fim das quais um novo estado de equilíbrio é obtido” (op. Cit.).

## 1.2 A SEQÜÊNCIA DESCRITIVA

Essa seqüência é composta de fases que não se organizam em uma ordem linear obrigatória e sim são combinadas e encaixadas em uma ordem hierárquica ou vertical, em forma de protótipo ela se constitui de três fases principais:

- Fase de ancoragem: o tema da descrição é assinalado, geralmente, por uma forma nominal ou tema-título, o qual é introduzido no início da seqüência (ancoragem), podendo, entretanto aparecer no final (afetação) ou no seu curso e ser retomado posteriormente (reformulação);

- fase de aspectualização: o tema é decomposto em partes, às quais são atribuídas propriedades;

- fase de relacionamento: os elementos descritos são assimilados a outros por comparação ou metáfora.

A semelhança da narrativa, esse protótipo constitui-se em apenas um modelo abstrato que pode ser realizado de forma rudimentar, em que após um tema-título seja realizada apenas uma enumeração de suas propriedades, ou complexa, na qual as propriedades atribuídas às partes tornam-se subtema, que se decompõe em partes, às quais são atribuídas propriedades, etc.

No que se refere a essa seqüência, Machado (1991), ressalta outro aspecto a ser considerado, pois, em algumas descrições, pode-se acrescentar ao esquema proposto, uma categoria facultativa, a *Avaliação*, passível de ocorrer em qualquer lugar da seqüência e que seria típica de descrições "*expressivas*" ou "*subjetivas*", que se apresentam como um ponto de vista do locutor ou de um personagem, expresso por meio de diversas marcas de subjetividade, essas espécies de descrições ocorrem em maior grau nos romances de primeira pessoa, nas autobiografias, e outros gêneros semelhantes.

Do ponto de vista discursivo, a escolha da seqüência descritiva estaria ligada ao objetivo de guiar o olhar do destinatário, ressaltando determinados detalhes do objeto do discurso, através de procedimentos que são determinados pelo objetivo que o produtor busca alcançar e o efeito que deseja produzir, de acordo com os procedimentos espaciais, temporais ou hierárquico.

Entretanto, com exceção das descrições do gênero retrato, elas são quase sempre articuladas a (ou inseridas em) outras seqüências (narrativa, explicativa, etc.) e apresentam-se como secundárias ou relacionadas a essas seqüências principais.

### **1.3 A SEQÜÊNCIA ARGUMENTATIVA**

O raciocínio argumentativo implica na existência de uma tese a respeito de um determinado tema, sobre a qual são propostos dados novos, que são objeto de um processo de inferência, que orienta para uma conclusão ou nova tese, sendo que o fato de apoiar por justificações e **suportes** ou moderar e frear por **restrições** esse movimento argumentativo ocorre no processo de inferência e é do peso dos suportes e das restrições que depende a força da conclusão.

### **1.4 A SEQÜÊNCIA EXPLICATIVA**

O raciocínio explicativo origina-se na constatação de um fenômeno incontestável, entretanto, seja um acontecimento natural ou uma ação humana, esse fenômeno inicial apresenta-se incompleto ou requerendo um desenvolvimento destinado a responder as questões colocadas ou esclarecer as contradições suscitadas, o que é então desenvolvido, sendo que ao final desse processo a constatação inicial encontra-se reformulada e geralmente enriquecida.

### **1.5 A SEQÜÊNCIA DIALOGAL**

Esta seqüência realiza-se apenas nos segmentos de discursos interativos dialogados, estruturados em turnos de fala, que no caso dos discursos interativos primários são diretamente assumidos pelos agentes-produtores envolvidos em uma interação verbal e no caso dos secundários são atribuídos a personagens postos em cena no interior de um discurso principal ou englobante.

Bronckart salienta que os protótipos são apenas construções teóricas, elaboradas secundariamente a partir de exame das seqüências empiricamente observáveis nos

textos, se esses protótipos podem desempenhar um papel de modelo para o agente-produtor de um texto, é apenas como generalização das diversas práticas planificadoras observáveis no intertexto, eles procedem da experiência do intertexto, em suas dimensões práticas e históricas e podem modificar permanentemente, como todas as propriedades desse intertexto.

As seqüências e outras formas de planificação constituem o produto de uma reestruturação de um conteúdo temático já organizado na memória do agente-produtor na forma de macroestruturas, sendo essa reorganização motivada pelas representações que o agente tem das propriedades dos destinatários de seu texto, assim como do efeito que neles deseja produzir.

Assim, o empréstimo de um protótipo de seqüência resulta da decisão do agente-produtor, orientada por suas representações sobre os destinatários e sobre o fim que persegue, e na medida em que se baseiam nessas decisões interativas, as seqüências têm um estatuto fundamentalmente dialógico.

## **2. A DESCRIÇÃO**

A descrição constitui uma forma de organização seqüencial que pode ser inserida em diferentes tipos de discurso, sendo no interior dos discursos da ordem do NARRAR (geralmente na seqüência narrativa) que a tradição e o uso identificam as seqüências descritivas, ocorrendo uma articulação entre os segmentos narrativos e descritivos, que pode ser analisada de forma a perceber frases que expressam a progressão cronológica dos acontecimentos e outras que apresentam características do quadro em que se inscreve essa progressão.

Embora a maior parte das descrições seja integrada à narração, algumas delas, às vezes, podem desligar-se completamente, tornando-se “entidades textuais autônomas, como é o caso do gênero perfil.”

A descrição, do ponto de vista de sua planificação interna, pode ser considerada uma entidade única, mas se a análise for centrada no valor das unidades lingüísticas que a constituem, podem ser distinguidas entidades diferentes, amplamente determinadas pelos tipos de discurso em que estão inseridas, o que nos remete ao objeto desse trabalho, que é apresentar a seqüência descritiva inserida em diferentes tipos de discurso, o que não ocorre de maneira aleatória, conforme já dissemos, mas de acordo

com a subjetividade do produtor do texto, o qual a utiliza como uma espécie de “argumento” para o efeito pretendido.

### 3. A ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Ao entendermos a linguagem como forma de interação ou modo de o interlocutor atingir determinado propósito fazendo uso de mecanismos lingüísticos podemos perceber o papel de extrema importância da argumentação nesse processo, conforme nos mostra Ingedore Koch em seu livro “A inter-ação pela linguagem” ao dizer que “o uso da linguagem é essencialmente argumentativo: pretendemos orientar os enunciados que produzimos no sentido de determinadas conclusões (com exclusão de outras). Em outras palavras, procuramos dotar nossos enunciados de determinada força argumentativa” (2003: 29).

Koch faz um estudo sobre o uso dos operadores argumentativos, amparada na teoria de Oswald Ducrot, demonstrando que a argumentação discursiva põe em jogo determinados “dispositivos” existentes na língua, direcionando a conclusão do interlocutor, por exemplo, se tivermos os enunciados: “Ela **já** está em idade de casar” e “Ela **ainda** está em idade de casar” levam a dois pontos de vista diferentes, pois no primeiro posso entender que “Ela é jovem” ou “Ela acabou de sair da adolescência”, ao contrário do segundo, no qual podemos encadear “Apesar de estar velha” ou entendermos que “Ela já é uma mulher madura”.

Dessa forma, os operadores argumentativos transformam os enunciados em proposições das quais podemos tirar uma conclusão e não outra, seja de forma implícita ou não, podem ligar duas proposições, uma proposição com a conclusão ou ainda, a conclusão com duas ou mais proposições.

Alguns operadores são especialmente considerados por Ducrot, como é o caso do “Mas”, que, segundo este teórico (in Koch, 2003: 36 ), “é o operador argumentativo por excelência. O esquema de funcionamento do ‘mas’ é o seguinte: o locutor introduz em seu discurso um argumento possível para uma conclusão R; logo em seguida, opõe-lhe um argumento decisivo para a conclusão contrária não-R (R). Ducrot ilustra esse esquema argumentativo recorrendo à metáfora da balança: o locutor coloca no prato A um argumento (ou conjunto de argumentos) com o qual não se engaja, isto é, que pode ser atribuído ao interlocutor, a terceiros, a um determinado grupo social ou ao saber

comum de determinada cultura; a seguir, coloca no prato B um argumento (ou conjunto de argumentos) contrário, ao qual adere, fazendo a balança inclinar-se nessa direção, ou seja, entrecrocamos no discurso ‘vozes’ que falam de perspectivas, de pontos de vista diferentes – é o fenômeno da polifonia”.

Os principais operadores argumentativos podem ser caracterizados como:

a) operadores que assinalam o argumento mais forte de uma escala no sentido de uma conclusão: (*até, mesmo, inclusive, no mínimo, ao menos.*);

Ex: “A aniversariante recebeu flores, perfume, roupas e *até* uma jóia”

“Eu espero, *no mínimo*, que você peça desculpas”

b) operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: (*também, além de, como, tanto quanto, e, ainda, nem, não só*);

Ex: “Ana Dias deve vencer a eleição: *além de* ser honesta, *também* tem muito carisma *e* popularidade”.

c) operadores que introduzem determinada conclusão que deriva dos enunciados anteriores: (*portanto, logo, em decorrência, dessa forma, etc.*);

Ex: “Todas as evidências confirmaram a acusação, *portanto* ele será condenado.”

“Queremos que você fique calma, *pois* a notícia será alarmante”

d) operadores que introduzem argumentos alternativos e geram conclusões opostas: (*ou, ou então, quer... quer, seja.. seja, etc.*);

Ex: “Podemos viajar *ou* você vai continuar demorando?”

e) operadores que estabelecem relação de comparação para levar a uma determinada conclusão: (*mais que, menos que, tão...como, etc.*);

Ex: “Paulo é *tão* inteligente *como* você”

f) operadores introduzindo uma justificativa ou explicação: (*porque, já que, pois, etc.*);

Ex: “Viajaremos amanhã, *já que* perdemos o avião”

“Temos visto a crise crescer nesse país *porque* os políticos são corruptos.”

g) operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: (*mas = porém, contudo, todavia, no entanto; embora = ainda que, apesar de, posto que*);<sup>2</sup>

Ex: “*Embora* nós tenhamos um grande presidente, nosso país está em crise”.

“Vivemos em uma cidade maravilhosa, *mas* o índice de violência está em constante crescimento”.

h) operadores que introduzem conteúdos pressupostos: (*já, ainda, agora, etc.*);

Ex: “Você *ainda* está aqui” > pressupõe que você já estava aqui ou, ainda, deveria ter partido.

i) operadores que se distribuem em escalas opostas: (*um pouco e pouco, quase e apenas*);

Ex : “Eu comi *pouco*” (leva à negação: “Eu quase não comi”)

≠

“Eu comi *um pouco*” (leva à afirmação: “Eu comi, quase, o suficiente”)

Poderíamos citar ainda outros operadores argumentativos que devem ser levados em consideração, no caso de uma descrição mais detalhada,<sup>3</sup> pois “são essas palavrinhas (tradicionalmente descritas como meros elementos de relação, destituídas de qualquer conteúdo semântico) as responsáveis, em grande parte pela força argumentativa de nossos textos”.

Ainda, para demonstrar que nenhuma língua é neutra e que sempre buscamos atuar sobre o nosso interlocutor, podemos citar Benveniste (1976: 55) que diz:

---

<sup>2</sup> Koch (2003: 37) chama atenção ao fato de que, apesar dos operadores dos grupos do *embora* e do *mas* terem funcionamento semelhante, eles diferem no que se refere à estratégia argumentativa selecionada pelo locutor, no caso do *Mas*, é empregada a *estratégia do suspense*, fazendo com que o interlocutor perceba a conclusão antes do argumento e ao empregar o *embora*, a *estratégia de antecipação* é utilizada, pois anuncia que o argumento introduzido pelo *embora* será anulado.

<sup>3</sup> Acreditamos que para a demonstração de nossas análises, caracterizamos número suficiente de operadores argumentativos, para consultas adicionais, ver a obra de Ducrot citada na bibliografia deste estudo.

A linguagem propõe, de certo modo, formas “vazias” de que cada locutor se apropria em situação de discurso, e que se relaciona com a sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo como eu e definindo um parceiro como tu.

Ainda, Koch (2203: 65) afirma:

Como já dissemos, não há texto neutro, objetivo, imparcial: os índices de subjetividade se introjetam no discurso, permitindo que se capte a sua orientação argumentativa. A pretensa neutralidade de alguns discursos, o científico, o didático, entre outros) é apenas uma máscara, uma forma de representação (teatral): o locutor se representa no texto “como se” fosse neutro, “como se” não estivesse engajado, comprometido, “como se” não estivesse tentando orientar o outro para determinadas conclusões, no sentido de obter dele determinados comportamentos e reações.

Dessa forma, podemos dizer que, ao observarmos uma seqüência descritiva, somos capazes de perceber, seja por meio dos operadores argumentativos ou, mesmo pela seleção lexical o ponto de vista do autor do texto e a tentativa de persuadir o seu interlocutor, sendo esse o objeto da análise a que nos dedicaremos.

#### 4. CORPUS E ANÁLISE

Para efetuarmos a análise da argumentação presente nas seqüências descritivas elegemos como corpus o conto intitulado “Apelo” de autoria de Dalton Trevisan, que transcreveremos a seguir, o texto de Alcântara Machado e um anúncio publicitário que constará como anexo nesse trabalho.

##### Texto 1:

“APELO

Amanhã faz um mês que a senhora está longe de casa. Primeiros dias, para dizer a verdade, não senti falta, bom chegar tarde, esquecido na conversa da esquina. Não foi ausência por uma semana: o batom *ainda* no<sup>4</sup> lenço, o prato na mesa por engano, a imagem de relance no espelho.

Com os dias, Senhora, o leite de primeira vez coalhou. A notícia de sua perda veio aos poucos: a pilha de jornais ali no chão, ninguém os guardou debaixo da escada. Toda a casa era um corredor deserto, e até o canário ficou

---

<sup>4</sup> Grifos nossos.

mudo. Para não dar parte de fraco, ah, Senhora, fui beber com os amigos. Uma hora da noite eles iam e eu ficava só, sem o perdão de sua presença a todas as aflições do dia, como a última luz na varanda.

E comecei a sentir falta das pequenas brigas por causa do tempero da salada – meu jeito de querer bem. Acaso é saudade, Senhora? Às suas violetas, na janela, não lhes poupei água e elas murcham. Não tenho botão na camisa, calço a meia furada. Que fim levou o saca-rolhas? Nenhum de nós sabe, sem a Senhora, conversar com os outros: bocas raivosas mastigando. Venha para casa, Senhora, por favor.”

No que se refere à primeira seqüência descritiva, observa-se o operador argumentativo “*ainda*” para reforçar a pressuposição inicial afirmada na oração que a antecede, porém, convém observar nesse segmento o uso que o locutor faz da seqüência descritiva, pois ele pretende por meio da descrição convencer o seu interlocutor de que ele não sentira a falta da Senhora, por um determinado período, chegando a não se dar conta de sua ausência “*o prato na mesa por engano*”, o que torna essa seqüência dotada de grande força argumentativa.

Na segunda seqüência, com o uso do operador “*até*” é possível notarmos a escala de argumentos, finalizada pelo mais forte, que são citados para direcionar o interlocutor à concluir que o ambiente descrito encontrava-se, nesse momento, na mais profunda solidão.

Por fim, no terceiro segmento textual que destacamos, observamos que essa seqüência descritiva serve como argumento para persuadir o interlocutor a acreditar no apelo feito (último segmento do texto), já que delineia uma imagem de total abandono e miséria.

## **Texto 2:** (*Laranja da China*, In: *Novelas Paulistas*)

“Desembargador

Desembargador. Um metro e setenta e dois centímetros culminando na careca aberta a todos os pensamentos nobres, desinteressados, equânimes. E o fraque – O fraque austero como convém a um substituto profano da toga. E os óculos – Sim: os óculos. E o anelão de rubi – É verdade: o rutilante anelão de rubi. E o todo de balança – Principalmente o todo de

balança. O tronco teso, a horizontalidade dos ombros, os braços a prumo – Que carrega na mão direita? A pasta.

A divina Têmis não se vê. Mas está atrás. *Naturalmente*. Sustentando sua balança: o Desembargador Lamartine de Campos.”

Nesse texto, observamos a predominância da unidade textual descritiva, composta por uma série de seqüências selecionadas de modo a desenhar “um retrato”, porém se analisarmos o discurso presente no texto, notaremos a atitude subjetiva do locutor, em face de seu enunciado, revelando uma voz que reflete não uma imagem de justiça, imparcialidade, como está explícito no texto por meio da seleção lexical e das figuras de linguagem, e sim o contrário, como percebemos por meio dos indicadores atitudinais ou índices de avaliação (Koch, op. cit.) grifados acima, em especial pelo termo “*Naturalmente*”, que demonstra uma avaliação irônica do objeto do discurso.

Ainda, em relação ao texto de Alcântara Machado, temos, no último segmento textual, um grande direcionamento argumentativo através de um pressuposto, o que nos remete a Ducrot (1987: 40) “A pressuposição aparece como uma tática argumentativa dos interlocutores, ela é relativa à maneira pela qual eles se provocam (...) um certo modo de continuar o discurso.”, assim ao dizer “Sustentando sua balança: o Desembargador Lamartine de Campos” o locutor deixa implícito ou subentendido<sup>5</sup> que “A balança da Justiça pende com a desonestidade de Desembargador”.

O caso desse texto demonstra, com visível clareza, que a descrição ou a seqüência descritiva são sempre dotadas da argumentatividade presente na voz do locutor e que nenhuma forma de expressão pode apresentar neutralidade.

### **Texto 3:** (Anúncio publicitário: “Slim Shake”)

Nessa análise, procederemos de modo a observar as seqüências descritivas presentes no texto, para tanto transcrevemos os segmentos a seguir:

---

<sup>5</sup> Para Ducrot (1987) o “pressuposto” refere-se à natureza de um elemento semântico veiculado pelo enunciado, enquanto o “subentendido” caracteriza a forma pela qual um elemento semântico é introduzido no sentido. O subentendido ocupa uma posição de ausência no próprio enunciado. Essa ausência somente se materializa, quando em um momento posterior, o ouvinte/leitor reflete sobre o referido enunciado. Ao contrário, o pressuposto, e efetivamente o posto se apresenta como contribuições próprias do enunciado. No caso do pressuposto, essa contribuição pode restringir-se à lembrança de um conhecimento passado.

(a) “Se o seu relacionamento com a balança anda um pouco pesado, conheça Slim Shake. Um alimento balanceado que substitui uma refeição<sup>6</sup> (...)”

(b) “(...) Porque Slim Shake tem 50% das suas calorias provenientes de proteínas, que são essenciais para um emagrecimento correto: (...)”

(c) “Além das proteínas, Slim Shake contém fibras, vitaminas e sais minerais. Enquanto uma refeição normal (...) um copo de 250 ml de Slim Shake contém 133, 21 calorias (diluído em água) ou 233, 46 calorias (misturado com leite desnatado.)”

(d) “Slim Shake é produzido pela Slim, fabricante do Zero – Cal. E está de acordo com o Codex Alimentarius International, da organização Mundial de Saúde.”

A análise a partir da seqüência descritiva inserida em (a) demonstra que a caracterização do objeto do discurso é feita de modo a chamar a atenção do interlocutor a que se dirige: “aqueles que estão com o peso acima do desejado”, afirmando que o produto é balanceado, o que é reiterado pelo operador argumentativo “que” introduzindo uma justificativa relativa a essa afirmação.

Na seqüência (b) temos o uso do mesmo operador argumentativo, o que, justificando a importância do produto possuir 50% de sua composição de proteínas; e do (porque), (pertencente a mesma classe de operadores) o qual se conecta aos enunciados anteriores e posteriores, já que remete a uma explicação da afirmação precedente “Faz você emagrecer da maneira mais inteligente que existe: bem alimentado.” E justifica a subsequente: “Significa perder peso e não saúde”.

Na seqüência seguinte observamos o uso do operador “além de”, que soma argumentos a favor da conclusão de que Slim Shake é um alimento balanceado e completo e do “enquanto”, com um papel argumentativo de orientar, através da estratégia de antecipação<sup>7</sup>, para uma conclusão que anule o argumento introduzido pelo enquanto, que é “uma refeição normal traz em média 1200 calorias”.

No último segmento analisado, percebemos que a seqüência descritiva tem a função de argumento de autoridade a favor da conclusão de que se trata de um produto

---

<sup>6</sup> Caracterização da seqüência descritiva.

<sup>7</sup> Ver nota 2.

de qualidade, utilizando como reforço o operador argumentativo “E”, o qual soma outro argumento, agora de maior grau em termos de força argumentativa e de reconhecimento pelo interlocutor do texto.

Convém ressaltar que o texto que selecionamos pertence a uma categoria particular, a de texto publicitário, e como tal apresenta inerente à sua constituição a carga argumentativa, já que é construído em função do interlocutor, sendo que apresenta o propósito de persuadi-lo e para tal fim, ele é, geralmente, formado por um texto cuidadosamente selecionado em seus componentes lingüísticos e, na maioria das vezes, em seus componentes visuais, portanto, procura não só informar, como também modificar comportamentos.

## **CONCLUSÃO**

Conforme o trabalho que desenvolvemos, procuramos demonstrar a aplicabilidade da teoria de Adam, bem como, tentamos analisar os recursos argumentativos presentes em uma seqüência descritiva, de forma a observar que a argumentação se faz presente na língua, de forma efetiva e em todas as nossas pretensas tentativas de neutralidade.

Nosso objetivo foi o de apenas apresentar uma reflexão teórica e destacamos que a análise realizada não tem a pretensão de suscitar conclusões definitivas e reforçamos a necessidade da realização de estudos complementares que contribuam para a solução das questões concernentes ao tema abordado.

## **BIBLIOGRAFIA**

- 1) BENVENISTE, E. *O Homem na Linguagem*. Lisboa: Arcádia, 1976.
- 2) BRONCKART, Jean-Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. EDUC, São Paulo: 1999.
- 3) DUCROT, Oswald. *O Dizer e o Dito*. (trad. Eduardo Guimarães). Campinas. Pontes: 1987.
- 4) KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1987.
- 5) KOCH, I. G.V. *A inter-ação pela linguagem*. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

- 6) MACHADO, Anna Rachel. A perspectiva interacionista sócio-discursiva de Bronckart. In: XIX Encontro Nacional da Anpoll, 2004, Maceió. Anpoll: Boletim Informativo n.32. Maceió: Q gráfica, 2004.
- 7) MACHADO, Anna Rachel. Resumos de textos na mídia escrita e no ensino. In: Simpósio Gêneros em diferentes mídias e ensino. 12º INPLA, 2001, São Paulo. Caderno de Resumos do 12º INPLA. São Paulo : Gráfica da PUC/SP.
- 8) TREVISAN, Dalton. *Mistérios de Curitiba*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.